

13º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 18

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 35.4-7 ou Deuteronômio 10:17-21

O livro de Deuteronômio tem sua origem mais provável no Reino de Israel (norte) entre 931 e 722 a.C. Com a queda da Samaria possivelmente o texto original do, depois chamado, Deuteronômio foi levado para Jerusalém e guardado dentro de uma das paredes do Templo. Mais de 100 anos depois, esse Deuteronômio original (cap. 12-26) é descoberto durante uma reforma no Templo pelo sacerdote Hilquias e usado pelo Rei Josias como base para uma reforma que visava reunificar Israel (2 Rs 22). O Rei Josias, e seus aliados sacerdotais, não apenas copiam essa lei, mas a adaptam ao seu programa unificador. O texto deste domingo faz parte desta adaptação onde podemos observar o que pertence ao espírito deuteronômico original e as adaptações feitas pela elite de Jerusalém.

O título dado a Deus em 10:17 é muito pouco comum no Antigo Testamento ("*Deus de deuses e Senhor de senhores*"). No entanto, era um título dado a diversas divindades tanto na Mesopotâmia quanto no Egito. A nova apresentação coloca Deus num trono real, isto é, junto ao Rei. O "*órfão e a viuva*" (v. 18) são um dos símbolos de todos as pessoas pobres que, junto com os "*estrangeiros*" (v.19) somam à sua eventual pobreza a total exclusão de direitos legais sobre a terra ou outro tipo de propriedade (cf. Dt 16:11,14). Isso explica a afirmação no versículo de que Deus como Rei não pode ser subornado (literalmente em hebraico "*comprado com presentes*") servindo aos interesses dos poderosos. Na verdade, Josias percebeu que para ter uma unidade nacional devia servir, em primeiro lugar, à maioria, isto é, as pessoas mais pobres. Uma curiosidade deste texto é enfatizar a chegada ao Egito e não a saída. Assim, o milagre da libertação fica ainda maior, pois um pequeno grupo derrotou o maior poder e formou um grande povo!

O texto de Isaías 35 fala quase cem anos após a morte de Josias. O povo tinha se tornado orgulhoso e tinha esquecido totalmente as motivações de justiça e de unidade daquele rei. Os pobres, antes lembrados como prioridade, estavam "*desalentados de coração*" (v.4). No entanto, Isaías lembra que Deus mantém firme seu caráter libertador e encoraja-os/as a não temer, a não perder a esperança, a se manter firmes na sua fé!

A segurança cristã de construir uma sociedade mais justa e solidária não está em nenhum governo, pois os governos passam. Essa segurança tem suas raízes na fé paradoxal da mais poderosa divindade que opta pelas pessoas mais empobrecidas e excluídas do mundo. (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Tiago 1.17-27

Essa carta é dirigida aos cristãos judeus espalhados fora da Palestina, pela região de Antioquia, Síria e Silícia. O capítulo 1 parece mais uma aglutinação de aforismos ou máximas morais cujo conteúdo é desenvolvido nos capítulos seguintes. Há, por exemplo, pequenos "tratados" como a

incompatibilidade entre a fé e discriminação, (2.1ss); a inseparabilidade de fé e boas obras (2.14ss) e sobre o mau uso da palavra, (3.1ss).

O recorte de hoje fala no desejo viciado que gera a morte e o dom de Deus para a vida. Esse tema aparece mais desenvolvido em 3.13-4.16, (amizade com o mundo 4.4).

Vs.17 - Deus fiel em quem pode depositar confiança é o doador de todo o bem, em contraste com a cobiça, que gera o pecado e o pecado a morte.

Vs.18 - Em contraste, Deus por meio da Palavra da verdade nos gerou como as primícias das criaturas.

Vs.19ss. Como as primícias geradas pela Palavra da verdade nós somos ouvintes praticantes e construtores de estilo de vida. Isso está contrastado com a duplicidade, instabilidade em tudo que faz (vs.8). Ver vs.8//vs.16.

Vs.20 - a mansidão (Bem-aventurados os mansos, Mt 5.4,9) versus raiva que não gera justiça. (ver 3.18; Is 32.17; Fp 1.11; He 12.11)

Vs.25 - a pessoa praticante da Palavra e não apenas ouvinte vive a lei da liberdade, na qual encontrará a felicidade.

Vs. 26 - a verdadeira espiritualidade está em socorrer os órfãos, viúvos em aflição, (é bom lembrar-se das pessoas descritas em Isaías 35). (ST)

Santo Evangelho: Marcos 7.31-37

Há uma imagem muito conhecida e popular em nossos dias. A figura dos três macaquinhos juntos que, por seu turno, têm ou sua boca, ou seus olhos, ou seus ouvidos tapados. A idéia é muito clara: não vi nada, não ouvi nada, não disse nada. Muita gente na igreja é semelhante àqueles macaquinhos. Esquecem que nosso batismo é um chamado à proclamação e ao envolvimento com a pregação do Evangelho, sempre ouvindo o outro. No texto de hoje Jesus encontra um homem muito semelhante às nossas igrejas. Ele é surdo e gago. Ele não consegue ouvir e tem dificuldades em se fazer entender. Mas Jesus o cura. E esta mesma cura ele quer fazer conosco.

Em primeiro lugar *ele nos tira da multidão*. (v. 33). A multidão é o lugar onde não precisamos acurar nossa audição e nossa voz. Somos envolvidos pela multidão e levados de um lado para o outro. É o que se chama de "massa". "povo marcado, povo feliz", dizia um cantor popular. Para nos curar, precisamos sair da massa. Precisamos deixar a multidão. Precisamos abandonar a situação cômoda da vida incôgnita, onde ninguém nos conhece, e assumir que precisamos nos mostrar, aparecer, arriscar, fazer, errar e acertar. Para seguir a Jesus precisamos abandonar a multidão. Precisamos compreender que seu caminho não é o caminho largo por onde as massas costumam andar, mas o caminho estreito daqueles que se esforçam para seguir.

Em segundo lugar *ele opera nossa cura*. (v. 34). Uma vez destacados da multidão ele se dirige a nós e age. O texto revela uma série de gestos acompanhados de um suspiro. Jesus toca nos ouvidos do surdo e toca sua língua com um pouco de saliva. Estes gestos são significativos. Como quem retira dos ouvidos um tampão e como quem partilha a secreção de sua boca, Jesus nos torna capar de ouvir e de falar as mesmas palavras que saem de sua boca. A boca daquele homem compartilha, agora, do mesmo elemento que é

encontrado na boca de Jesus. Estes gestos vêm acompanhados de um suspiro, um sussurro, de um gemido, que, para muitos comentadores poderia muito bem ser uma oração. Quando nos deixamos tocar por Jesus ele retira todos os impedimentos de nossos ouvidos e torna nossa boca capaz de proclamar as mesmas Boas-novas do Evangelho.

Em terceiro lugar *ele ordena que o homem mantivesse completo sigilo*. (v. 36). Para Henri Turlington, "Jesus estava ainda tentando manter uma aparência de privacidade, e ainda estava cômico de que a natureza de seu messianismo não havia sido aceita, e nem se tornado clara". O mesmo não ocorre depois de sua ressurreição quando ele envia os seus discípulos ao mundo para pregar e anunciar o Evangelhos, cheios do Espírito Santo. Pois bem, não foi isso que o homem fez. Ele divulgava por todo lado (v. 36) o que Jesus fizera com ele, a ponto de todos se maravilharem com as obras de Jesus. (v. 37).

Para encerrar, quero lembrar que a palavra traduzida neste texto por "mudo" só aparece uma vez em todo Novo Testamento e no primeiro testamento só aparece em Is 35:6 (LXX) onde se diz que, por causa da ajuda de Deus ao seu povo, "o coxo saltará como o servo, e a língua do mudo cantará de alegria". Que Deus opere em nossas igrejas este mesmo milagre e nos faça aptos para pregar este Evangelho com a mesma unção que havia em sua boca. (JLFA)